

---

## 07. CIDADE DE PAPEL: UMA INVESTIGAÇÃO DO MORAR NO BAIRRO DO RECIFE ANTIGO.

Antonio Marques Silva Lima<sup>1</sup>  
Nathielly Darcy Ribeiro Araújo<sup>2</sup>

### Introdução

O presente trabalho busca desenvolver uma pesquisa crítica a respeito do desenvolvimento econômico da cidade do Recife, no que diz respeito à lógica mercadológica das intervenções urbanísticas, que priorizam o turismo e o mercado de serviços. O espaço do Recife Antigo, contexto aqui tomados por nós como elemento acessório, que apoiará o bairro do Pilar, foi alvo de mudanças recentes, que tinha com prioridade adequar o espaço para que esse pudesse ser mercantilizado, atendendo uma demanda crescente de consumo. Milton Santos, nos fala que esse progresso, acabou por ser legitimado, pela aceitação de uma linha de pensamento racional econômica, além de se apoiar em certa influência do Estado, que se utiliza da força e do poder, para criar condições favoráveis ao crescimento e à lógica mercantil (MILTON, 2014, p.15).

Recife não é um caso isolado, em outras capitais, o Estado também se alia a iniciativa privada para compor objetos de intervenção urbana que visam melhorar e racionalizar o espaço, no intuito de atender as demandas exigidas pela nova ordem de mercado, em que agora, o lugar é também um produto, sendo, portanto, alvo de trocas e modificações. Assim como qualquer mercadoria, o Recife Antigo teve que ser requalificado ou gentrificado<sup>3</sup>, para corresponder a um conjunto de mudanças, incluídas em planos moldados pela conjuntura público-privada, de interesse. É importante tratarmos anteriormente do estado atual do campo em que nos debruçaremos, pois é justamente a partir deste patamar, que poderemos verificar a situação em que se encontra o bairro do Pilar, sendo este patamar, criador das relações de solidariedade entre os moradores do lugar, e suas conseqüentes ações de luta e resistência por seus direitos. Em outras palavras,

---

<sup>1</sup> Mestrando em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
antoniomarques\_marquinho@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, integrante do GRAVE/ Grupo de relações afetivas e violência.

<sup>3</sup> O termo gentrificação, pressupõe a revitalização de áreas antes periféricas, sendo transformadas em áreas nobres, normalmente pontos turísticos. O processo propõe também uma mudança da dinâmica do local, em prol de um mercado consumidor.

diante do processo de revitalização do Recife Antigo, veremos como 588 famílias, lançam mão de estratégias para continuar sobrevivendo ao lado de um pólo turístico ressignificado recentemente, para atender demandas que não são as suas, e que tenta escondê-los a todo custo.

Dentro do contexto por nós estudado, permeiam as noções de direitos políticos e individuais. Como já mencionamos, essas famílias estão o tempo todo tendo que dar novo significado aos artifícios utilizados para sobreviver em meio à pobreza e miséria extremas. Diante disso, é também um dos objetivos deste trabalho, observar além das táticas utilizadas nesse empreendimento de resistência, também a noção e o conhecimento de direitos políticos desses moradores, que os leva a reivindicar do órgão responsável, ações e medidas para a localidade, mesmo tendo que lidar com a opressora lógica que se instaurou.

Por isso, a noção de direitos políticos e de direitos individuais teve que ser desrespeitada, pisoteada e anulada. Sem esses pré-requisitos, seria impossível manter como pobres, milhões de brasileiros, cuja pobreza viria de fato a ser criada pelo modelo econômico anunciado como redentor (...) O modelo político e o modelo cívico foram instrumentais ao modelo econômico (SANTOS,2014, p.15).

É bem perceptível, que há uma noção de direito dentro de comunidades que instauram o princípio da resistência em seus moldes de luta. No Pilar, isso fica evidente, pois, há além de uma reivindicação por direitos básicos, como o da moradia, por exemplo, uma exigência de ser enxergada e absorvida pela dinâmica do Recife Antigo enquanto centro turístico, empreendedor. O espaço não deveria portanto, ser tragado pelo caos, mas sim pela iniciativa pública, provendo a revitalização desse espaço, integrando-o ao restante do bairro.

Nesse sentido, trataremos aqui inicialmente da trajetória da Favela do Pilar, ou Favela do Rato, e de como se situa historicamente a questão da resistência dos moradores no local. Todo o processo, nos permite ver o desenvolvimento desse sentido de resistência num patamar pós-moderno, de fragmentação de estruturas, de constantes modificações, de consumo de tempo e de espaço, de maneira voraz. Toda essa análise será feita levando em conta o processo de gentrificação pelo qual o Recife Antigo passou e vem passando, por consideramos ser relevante para pensar a situação em que se encontram os moradores do Pilar. Em seguida, traremos a discussão de Harvey a respeito de modernidade e pós-modernidade, onde discutiremos as possibilidades e entraves de se pensar a partir dessas linhas de pensamento.

Importante será também, nos utilizarmos de Certeau, quando nos propormos a pensar a respeito das *estratégias*. A lógica capitalista dita o ritmo das mudanças urbanas e conseqüentemente os sentidos das transformações são gestados pelo que Certeau assim denominou como “o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito do querer e poder (...). A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio (CERTEAU,2014, p.93). O que queremos pensar com isso, é que a construção do espaço não é uma simples casualidade, tanto a ingerência, quanto a presença de órgãos responsáveis, conferem ao local um sentido à sua formação. Sendo assim, o Pilar é um local que está dentro de uma estratégia maior de consumo dos espaços, nesse caso mais especificamente, o circuito turístico do Recife Antigo.

Certeau (2014) nos será conveniente ainda, quando trará questões que tratam dos modos de proceder da criatividade cotidiana. “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio cultural” (CERTEAU, 2014, p. 41). Com isso, pretendemos observar como os moradores se utilizam dessa criatividade mais tática, a que Certeau (2014) chama de bricoladora. Esses modos de fazer, fazem parte de uma rede de antidisciplina, pois vão de encontro ao ditado, ao que é imposto (CERTEAU, 2014). O que é popular, se origina de combinações, de artimanhas, do pensar pausadamente antes de fazer, e é justamente isso que buscamos ver nos moradores.

É importante destacar que a perspectiva tomada aqui é a do indivíduo, ou seja, priorizaremos as relações entre os moradores, as redes de solidariedade construídas por eles, a dinâmica do lugar, e conseqüentemente as noções de luta, pertencimento e resistência dos moradores do bairro. Pretendemos observar essa dinâmica na ótica dessa marginalidade silenciosa, como Certau (2014) denomina. Uma “marginalidade de massa, atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada (CERTEAU, 2014, p.43). Consideramos importante adotar essa posição, por acreditarmos que é justamente essa marginalidade, que produz esse sentimento de pertencimento nos moradores do Pilar e conseqüentemente, dita seus princípios de luta e resistência.

## **1. O espaço, a ordem e a desordem.**

A comunidade do Pilar, é um setor dentro do bairro do Recife. Em seu passado de invasões holandesas, recebeu o nome de Fora-de-portas. Sob as ruínas do Forte de São Jorge, ergueu-se a igreja de Nossa Senhora do Pilar, que acabou por dar nome à comunidade. O Pilar encontra-se incrustado no meio do bairro do Recife, abrigando cerca de 588 famílias que dividem o espaço com prédios históricos em ruínas, barracos de madeira e plástico, uma igreja e uma fábrica de massas e biscoitos. O que se pretende problematizar neste trabalho, é como se dá a dinâmica desses moradores no espaço em que vivem, e como esse *morar* é amplamente modificado em função das condições em que vivem, sendo que, essas famílias precisam dividir esse espaço com o turismo intenso, e ao mesmo tempo, defender seus interesses básicos.

Neste mesmo terreno mais tarde se ergueria a igreja de Nossa Senhora do Pilar, que acabou por dar nome à atual comunidade, e foi feito com o que sobrou do Forte de São Jorge. Após a saída dos holandeses o forte ficou em desuso e o terreno foi concedido ao capitão-mor João do Rego Barros em 1679. Em 1680 foi inaugurada, sendo uma das mais veneradas igrejas durante aquele tempo. Em 1899 passou por uma grande reforma conduzida pelos próprios moradores da região, um aglomerado denominado fora-de-portas.

Chamava-se de Fora-de-portas, por estar fora das portas das duas cidades irmãs, Recife e Olinda e também por haver uma ponte com portas que se fechavam a noite "trancando" os moradores próximos do porto pra fora do centro da cidade. Basicamente era formado por judeus comerciantes que vieram com flamencos e agora eram relegados pelos luso-católicos e trabalhadores do porto: estivadores, carregadores e despachantes. O fato é que este povoado que data desde a invasão holandesa, abrigava todos os tipos sociais mal falados da época, desde os boêmios malandros das zonas portuárias que aplicavam pequenos golpes, as prostitutas amantes de marinheiros os hereges enganadores e os mercadores judeus. Estes fixaram-se após idas e vindas até a década de 1970 onde uma suposta reforma do porto tomaria o lugar. A reforma nunca aconteceu e novamente os remanescentes dessa gente deflagraram um processo de favelização que permanente que persiste até hoje.

No final da década de 80 o Pilar ganha a alcunha de Favela do Rato, por costumeiramente dividir o local com ratos vindos do Porto do Recife e dos resíduos da Fábrica Pilar de massas e biscoitos. Já nos anos 2000 após mais uma revitalização do Recife Antigo, a mudança de nome foi encarada como uma guinada a um novo começo

---

dentro da comunidade , junto com a promessa do plano de revitalização da área, agora batizada de Pilar, assim como a igreja que resiste no local.

O cenário em que se insere a situação do Pilar, nos remete a uma conjuntura de paisagens urbanas pós-modernas. Isso nos faz lembrar de Zukin, quando este dissertou à respeito das questões de cultura e poder, imbricadas nas paisagens urbanas. Segundo ele, essa gama de mudanças espaciais e sócio-culturais, reduz-se ao termo “paisagem urbana pós-moderna” (ZUKIN, 2000). O autor deixa claro que ainda não há um critério que separe os dois modelos de cidade, porém reconhece que há uma mudança na maneira como a cidade é vista agora: há um maior consumo do espaço e do tempo, um consumo modificado, que visa cada vez mais uma aceleração, uma desconstrução das identidades mais tradicionais e uma reconstrução destes sobre novos alicerces, como já observou Hall, em seu “Identidade cultural na pós-modernidade”. O que levaremos em conta, na discussão de Zukin (2000), é a necessidade dessa desconstrução do que já estava estabelecido e os impactos do processo social de construção dessa nova paisagem, que “depende da fragmentação econômica das antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração que é fortemente matizada pelas novas formas de apropriação cultural” (ZUKIN, 2000, p.81).

É certo, que quando se refere a essa pós-modernização da cidade, Zukin (2000) trata de restauração e renovação de locais antigos, fundidos agora, na lógica do capitalismo industrial. É certo que esse cenário não precisa agregar prédios enormes, feitos de aço e concreto, se utilizando da impessoalidade do vidro, assim como Walter Benjamin, muito bem pontuou. Esses lugares, assim como o Recife Antigo foi, pode ser alvo de modificações, visando a produção de espaços de consumo, por trás do que já estava estabelecido, e tudo teve de ser reconstruído dentro de outra lógica. As identidades originais esmiuçadas, em favor de uma nova ordem. O processo de gentrificação se baseia nessa ideia de revitalizar espaços, modificando os perfis e determinados padrões desses lugares. Há por conseguinte, uma troca dos grupos que frequentam o lugar, um refinamento proposital do espaço. No entanto, há opiniões divergentes quanto aos impactos da gentrificação: por um lado, o processo agiria com vistas a reerguer e revitalizar o espaço e por outro, agiria de modo excludente, tornado o espaço frequentável apenas para os *gentry*, as classes mais abastadas.

Quando esse processo se iniciou no Recife Antigo, não foi diferente. Prédios históricos foram revitalizados, ganharam novas cores, foram ressignificados. Deixaram de abrigar apenas escombros para dar lugar a bares, casas de festas, museus. Alguns galpões

---

do Cais, mais próximos ao Marco Zero do Recife foram reformados, funcionam ali agora uma franquia de restaurantes caríssima e um museu com peças de artistas locais. Tudo organizado para oferecer mais conforto a quem chega. Uma placa de vidro deixa a vista do mar mais ampla, esse vidro agora não mais é impessoal, ele permite que haja uma conexão dos espaços. Tudo parece se conectar, num cenário de fragmentação dos significados. O espaço do Recife Antigo, foi gentrificado para os de fora. Quem está habituado ao lugar, limita-se a apreciar uma mudança ou outra, pois o espetáculo para nós apenas se repete.

Harvey, pontuou que há um aumento do interesse pela cultura da cidade, deixando claro que as cidades sempre tiveram culturas, que produziram seus conjuntos de símbolos e agregaram valor à eles. O que o autor indaga, é a origem desse interesse relativamente novo pela cultura da cidade e acentua a importância da mudança de foco do estilo de vida “com base nas relações de classe, ou de vizinhança e passa-se a ver o estilo de vida, como estilização ativa da vida [...]

Dessa maneira, somos levados a pensar a comunidade do Pilar, dentro desse contexto de gentrificação. O espaço, agora revitalizado, está separado apenas por tapumes da comunidade do Pilar. Como Zukin (2000), pontuou “o espaço incita e imita a ambiguidade” (ZUKIN, 2000). Dessa maneira, o mesmo espaço que é vendido a altos preços, por ser imbuído de significados, predisposto à capitalização, incorpora de maneira grosseira, uma comunidade inteira. Em outras palavras, o Pilar reside no Recife Antigo. Do outro lado dos tapumes, como falamos acima, existem 588 famílias que lutam. A ideia de luta que pretendemos utilizar para visualizar a problemática proposta por nós, não está ligada a um sentido figurado de conflito político, a disputa por formas de cidadania e urbanidade, a luta que se trava nesse contexto, passa a ser bilateral: o que acontece agora é a luta da ordem contra a desordem.

## **2. O modernismo e o pós-modernismo na cidade**

Parece óbvio que a ordem está do lado modificado e reconstruído para ser vendido e a desordem se instala em meio aos barracos. A competição, se é que assim podemos falar, é desleal. Com a “aparente” fragilização do poder do Estado, a responsabilidade passa a ser do mercado, o ator hegemônico é de fato, agora o mercado. Há uma supremacia de um modelo de cidade pensado como negócio. Dessa maneira, a desordem é ofuscada para que se venda a ordem. Isso nos remete as ideias de Le Febvre, sobre a produção do espaço levando-nos a ver a cidade como possuindo valor de troca. O *morar* no Pilar, está

em constante conflito com essa mercantilização, é um auto, antes de mais nada, de resistência e luta por direitos.

David Harvey (2009), ao dissertar a respeito do pós-modernismo nas cidades, serve de apoio teórico para o desenvolvimento da nossa análise, no sentido que vai pontuar as diferenças existentes nos conceitos de modernidade e pós-modernidade na cidade. Segundo o autor, a ideia de pós-modernismo, pressupõe um cenário fragmentado, não acompanhado de uma preocupação política. Não existe “uma ruptura com a ideia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano” (HARVEY, 2009, p.69) que o modernismo abarca. Em vez disso, visualiza-se a malha urbana fragmentada, onde não é mais possível controlar o urbano de outra maneira que não seja em pedaços. É preciso que o espaço seja construído com o propósito de ser dominado e moldável.

Faz-se necessário aqui, justificar nossa insistência quanto ao uso dos conceitos de moderno e pós-moderno. Primeiramente, o fazemos por conseguir visualizar essa transição do moderno, no espaço do Recife Antigo, baseando-nos principalmente nas ideias de Harvey (2009). Apesar das intensas discussões a respeito de vivermos ou não em uma pós-modernidade, sem nem saber se vivemos a modernidade em si, as mudanças são claras e perceptíveis nesse espaço:

Enquanto os modernistas veem o espaço como algo a ser moldado para propósitos sociais, e portanto, sempre subserviente à construção de um projeto social, os pós-modernistas o veem como coisa independente e autônoma a ser moldada segundo objetivos e princípios estéticos, que não tem nenhuma relação com algum objetivo social abrangente, salvo, talvez a consecução da intemporalidade e da beleza “desinteressada”, como fins em si mesmas (HARVEY, 2009, p.69.).

Sendo assim, percebemos as modificações ocorridas no espaço aqui trabalhado como sendo parte de uma estrutura pós-moderna, em que o social não é o foco e não é levado em conta, onde o fim é nele mesmo. A separação do Pilar por esses tapumes e a situação em que o lugar se encontra hoje, demonstra bem essa situação. Como pontuamos aqui, há uma preocupação estética em modificar os espaços, muito maior, do que a preocupação com os moradores de uma localidade vizinha, que são apenas camuflados. Essa tendência implica uma forte diferenciação do espaço e Harvey pontua que a linha pós-moderna, coloca-se mais disposta para atender diferentes necessidades e gostos, são levados a obedecer uma cultura de gosto (HARVEY, 2009).

É importante salientar que o modernismo, além de priorizar planos urbanos de larga escala e preocupar-se com o social, é populista. Harvey (2009) mostra há uma

---

contradição nisso, pois, os mesmos modernos que propõem uma democracia e uma liberdade, não estão dispostos a discutir isso em direção à lei. No entanto, como diz o autor, essa colisão é necessária. Render-se à categoria “povo”, implica estar disposto a participar desse embate, e entender que essa categoria é na verdade uma multiplicidade.

Os problemas das minorias e dos desprivilegiados ou dos diversos elementos contraculturais que tanto intrigam Jane Jacobs foram jogados para debaixo do tapete, até que se pudesse conceber algum sistema bem democrático e igualitário de planejamento baseado na comunidade que atenda as necessidades dos ricos e dos pobres (HARVEY,2009,p78).

Entender a categoria povo, enquanto múltipla, pressupõe que necessidades diversas devem ser atendidas. Porém, há uma extrema dificuldade em livrar-se da lógica de mercado, que é quem direciona todos os gostos e olhares de diferentes estratos sociais. O que acontece, como diz Harvey, é que a classe média, foi colocada pelo populismo em espaços fechados, tais como os shoppings, e em uma discussão mais atual, em enclaves fortificados. “São propriedade privada, para uso coletivo, e enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é aberto e público na cidade” (CALDEIRA, 2000, p.258).

O que Harvey coloca também, é que nada se faz pelos pobres, a não ser reportá-los para uma outra paisagem tenebrosa, que faz parte do cenário pós-moderno: a da falta de habitação (HARVEY,2009). É justamente nesse ponto, que podemos ilustrar a situação em que se encontra o Pilar. Como sabemos, os pós-modernistas não arquitetam, mas planejam, levando em conta apenas questões mais imediatas e primárias, sem se preocupar com as consequências, ao menos que essas influenciem nos seus lucros, em voga, estarão os elementos de distinção (morar numa cobertura, de frente para o mar, etc). A grande consequência desse modelo de projeção de cidade, implica numa nova forma de arquitetura popular (HARVEY, 2009), e é isso que observamos aqui como arquitetura de resistência., dentro do Pilar. Órfão das ações da iniciativa pública, residindo no sombrio que a pós-modernidade cunhou em prol dos seus interesses, o Pilar, continua ali como quem espera alguma coisa vinda do outro lado dos tapumes.

Um ponto interessante, que pode ser visto nesse contexto, é como as pessoas consomem esse mercado da cidade, trabalha-se agora, como dissemos anteriormente, com a perspectiva de um sujeito descentrado, fluido. O debate se dá ao perceber-se que existem dois lados da moeda, e que a pós- modernidade, se assim podemos chamar, não atinge de maneira igual a categoria povo. Como já pontuamos aqui, essa é uma categoria múltipla, que não foi levada em conta ao se pensar as novas formas de construir a cidade. O grande problema reside



nas respostas de qual cidade se quer para si, e ainda mais, quem responde e quem pergunta. O *habitus* como conjunto de disposições para a prática, como já pontuava Bourdieu, vai responder a essas e a outras indagações que a situação pós-moderna coloca, “existe um interesse na estilização e estetização da vida por parte de facções específicas das novas classes médias, que foram designadas como “paraintelectuais” devido a sua admiração pelas atividades e pelos estilos de vida dos artistas e intelectuais” (HARVEY, 2009, p.152). Em outras palavras, modelos serão ditados por essas facções, e quem não se adequa, volta pro *povo*. O que é ditado, parece sempre receber o sentido de obrigatório, de necessário, de requisito para se inserir em determinado meio, ou para se adequar a ele. Essa nova cultura paraintelectual das cidades, estetiza ainda mais o espaço, onde todos somos agora obrigados a conviver nela e com ela. “Esses impulsos pós-modernos sugerem identificações menos fortes com o local de moradia e um *habitus*” (HARVEY, 2009, p. 153), esse novo estilo de viver e de pensar o espaço descentraliza modos de viver estabelecidos. Os condomínios são murados, não podendo ter relação alguma com o que está ao redor. O enclausuramento foi uma estratégia imobiliária e de *markentig* (CALDEIRA, 2000, p.261). Vende-se a segurança, o isolamento. O entretenimento é moldado e oferecido dentro de espaços menores e confinados. Tudo que se passa por fora não interessa, nem o que está atrás dos tapumes.

### **3. O Pilar: palco de resistências.**

Entenderemos morar aqui como uma operação cotidiana assim como Certeau (1980). Morar é uma ação tática onde cotidianamente os moradores se deparam com as lógicas impostas que esbarram em suas ações cotidianas. Morar, habitar, andar, requer uma astúcia maior em um local “entrincheirado” aos olhos da cidade. O que Certeau (1980) chama de táticas, “ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios aumentar a propriedade e prever saídas (...) Em suma, a tática é arte do fraco” (CERTEAU, 2014, p. 94-95). Certeau (2014) destrincha que o cotidiano é cercado de respostas táticas onde respondemos cegamente contra as a estratégias postuladas, modificando e adaptando os conteúdos pensados para cada ocasião. Cada ação mesmo que impensada dentro desse jogo, desempenha um papel, seria como o movimento do peão em um jogo de xadrez, quase trivial e descartável, mas perigoso:

---

Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada por um postulado de poder” (CERTEAU, 2014, p.95).

A astúcia, citada por Certeau, é um termo que nos ajuda a diferenciar essa tática menos refinada com ações cegas, mas sendo apenas as ações astuciosas dotadas de um sentido prático quase inato do morador, não só do Pilar. No entanto, por ali historicamente se encontrar um forte de guerra, procuramos resgatar dentro dessa população local: o sentido de morar significaria resistir e lutar.

Como foi explicitada um pouco da história ou “pré- historia” do Pilar mais acima, ele foi um local em que os contra – usos muitas vezes tomaram conta da lógica e tinha em sua essência uma resistência, seja militar, civil e moral. Poucas favelas no Brasil teriam como comprovar seu nascimento no séc. 17, nem possuiriam uma igreja com azulejos portugueses raríssimos, situada entre o marco zero do Recife e o Forte do Brum, a 500 metros do parque de esculturas de Ricardo Brennand. Sobre isso Certeau (2014) contrapõe a tática:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e der a base de onde se podem gerir relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc) (CERTEAU, 2014, p.93)

Neste caso a tática entraria como o sistema de ação vigente. No caso do Pilar tanto as forças armadas, como a iniciativa privada gestaram a vida daquele lugar ainda como forte e depois como fora-de-portas. O Pilar vive sobre uma intervenção invisível constante e ocasionalmente intervenções físicas que mudam a lógica do jogo de poder, como xeque-mate. Assim Certeau (2014) disserta:

As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais (CERTEAU, 2014, p.96).

A arte de morar seria uma sobrevida astuciosa. Mais que uma contra resposta, seria uma forma lógica de responder ao poder que inflige. Pela ordem vigente, nenhum deles deveria estar ali.

---

Em 2010<sup>4</sup> iniciou-se a construção dos conjuntos habitacionais dentro da comunidade do Pilar. Após um protesto dos moradores, que reivindicavam o começo das obras, uma parte dos habitacionais foi erguido. Porém, a pouco mais de 3 anos nenhum operário das construtoras responsáveis aparece no lugar. O cenário atual do Pilar se constitui de muito mato e esgoto a céu aberto. Até hoje muitas famílias que foram retiradas de seus barracos para que esses pudessem dar lugar aos habitacionais, estão sem moradia. Ao adentrar na comunidade, somos indagados se somos funcionários da prefeitura em busca de fazer cadastramento dos moradores. “Mais um recadastramento, minha gente!”, exclama um dos moradores. Percebe-se um pouco de desesperança na fala dos moradores do lugar. A desesperança existe em torno de um conjunto de promessas feitas, quando da revitalização do Recife Antigo. Inicialmente pretendia-se construir uma praça, revitalizar a igreja da Nossa Senhora do Pilar, além da construção dos habitacionais. Uma Upinha<sup>5</sup> também estava dentro do pacote de benfeitorias. No entanto, a prefeitura alega que as obras foram abandonadas pelas construtoras, que alegaram demora nas escavações arqueológicas que começaram a acontecer no lugar, onde foi encontrado um cemitério datado do século XVI. Promessas de reinício das obras e licitações estão no discurso dos moradores, mas ação efetiva não.

Diante de tal situação, o que se vê no Pilar, é o que tentamos até agora pontuar aqui: resistência. Em meio às adversidades a comunidade resiste. Desde 2000, os moradores esperam melhorias, mas este ano, completam-se 16 anos de descaso e esquecimento. O que mais intriga, é visualizar de dentro da comunidade o prédio da prefeitura do Recife e do outro lado o pólo turístico com seus prédios pintados em cores vivas, enquanto dentro da comunidade prevalecem o cinza, a sujeira e o descaso. Não é difícil encontrar algum morador que tenha sido picado por escorpiões, e que tenha que conviver com os ratos vindos dos fundos da fábrica do Pilar, que não são poucos. Um pontua: “A gente aqui vive que nem porco, ou pior, que nem rato mesmo. Ficamos no centro do Recife, mas no meio dessa imundice. Vivemos de promessa”. As obras dos armazéns do Porto, anunciadas bem depois das do Pilar, já estão terminadas, a igreja restaurada dentro da comunidade, não abre as portas. Uma comunidade inteira, com enorme potencial, que poderia servir para incrementar o turismo local, atendendo até mesmo as necessidades da empreitada que a relegou ao lugar em que se encontra hoje,

---

4 Disponível em: < <http://www.leijaja.com/noticias/2014/04/01/obras-paradas-e-indignacao-na-comunidade-do-pilar/> > acesso em: 18 janeiro 2016.

<sup>5</sup> O nome faz referência a uma unidade menor de uma Unidade de Pronto Atendimento, dentro da comunidade.

encontra-se jogada, mas resiste em meio às promessas e a lama que o esgoto forma nas esquinas dos barracos.

Em meio às adversidades, o Pilar resiste. Grande parte dos moradores explicita a vontade de permanecer no lugar. O ato de morar é imbuído de significados. O tempo todo, faz-se uso da astúcia e da estratégia de Certeau. A astúcia, como pontuamos mais acima, é inata a quem se utiliza dela. Os moradores tiveram que adequar o seu morar, para que pudessem sobreviver no lugar e resistir, de uma maneira ou outra, ela agora é inata, e passada inclusive para as gerações mais novas. Muitas famílias fazem questão de enfatizar que “A gente não sai daqui”. Seja por falta de condições de ir para outro lugar, seja por acreditar na causa da comunidade as famílias vão permanecendo, dando sentido à categoria *povo*, sendo múltiplo, usando de estratégias para sobreviver. Por trás do muro sujo da fábrica Pilar, conseguimos ter uma noção da astúcia dos moradores. Os barracos sustentam-se uns nos outros, como se dessem as mãos. Os moradores que já foram contemplados com os apartamentos entregues na primeira fase solidarizam-se com quem ainda remenda os buracos do teto do barraco improvisado em meio ao caos. O estilo de vida ditado pelo mercado, tão pontuado aqui, dentro da comunidade é o de resistir em meio ao progresso, que insiste em deixá-los na penumbra dos efeitos pós-modernos. E resistem.

## REFERÊNCIAS:

CALDEIRA, T. P. do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000..

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, Á. **A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2009.

ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, A. A. (org). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000.